

Jardins históricos na América Latina

JOELMIR MARQUES DA SILVA*

ALINE DE FIGUEIRÔA SILVA**

ANA RITA SÁ CARNEIRO***

O jardim é manipulação direta do homem sobre os elementos da natureza, operação denominada “artialização *in situ*” por Alain Roger¹, ou seja, aquela que se opera no lugar, considerando o contexto sobre o qual é concebido e constituído.

Na paisagem urbana onde predomina a arquitetura das edificações, o jardim se manifesta como o lugar mais próximo da natureza, ainda que moldada e planejada, porque possibilita a legibilidade do mundo natural (Blumenberg, 2000)². Contrapõe-se ao ordenamento estético da natureza na condição de sua metáfora, às possibilidades que esta oferece como objeto de contemplação (Sá Carneiro, Veras e Silva, 2013)³.



* **JOELMIR MARQUES DA SILVA** é Biólogo, Mestre e Doutorando em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisador do Laboratório da Paisagem da UFPE. Bolsista CAPES e CNPq (Doutorado Sanduíche no Exterior).



** **ALINE DE FIGUEIRÔA SILVA** é Arquiteta e Urbanista. Mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP) e Bolsista FAPESP. Junior Fellow em “Garden & Landscape Studies” na Dumbarton Oaks – Harvard University (Fall Term, 2013).



*** **ANA RITA SÁ CARNEIRO** é Arquiteta e Urbanista. Professora da Graduação e Pós-Graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenadora do Laboratório da Paisagem da UFPE. Membro do Comitê Internacional de Paisagens Culturais.

¹Alain Roger. *Breve tratado del paisaje*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

²Hans Blumenberg. *La legibilidad del mundo*. Barcelona: Paidós, 2000.

³Ana Rita Sá Carneiro; Joelmir Marques da Silva; Lucia Maria Siqueira Cavalcanti Veras. A Paisagem como Jardim: Natureza da Cultura Urbana. In: Gilda Maria Whitaker Verri. (Org.). *Memorat, Tecnociência, Memória e Cultura Urbana na Formação Brasileira*. 1ed. Recife: UFPE, 2013, v. , p. 12-21.

Nesse entendimento, a paisagista Carmen Añón Feliú (1995, p. 221)⁴ relata que “o artista criador do jardim fornece ao tempo a matéria que este em seguida modifica e transforma; uma ação que converte o tempo em elemento criador”. Isto significa que “hoje são de um modo de manhã e de outro à noite; de um modo no verão e de outro no inverno... e amanhã ou dentro de 5 meses? não o sabemos” (Berjman, 2001, p. 5)⁵. Contudo, além do tempo e dos processos naturais também há que se conhecer o passado do jardim sob o traço de outros homens que, tal como os fatores naturais, atuaram no terreno (Castel-Branco, 1999)⁶.

Tais peculiaridades caracterizam o jardim como sendo uma arte complexa e entendê-las torna-se fundamental para as práticas de conservação. Por tudo isso, considera-se que o jardim é “obra de arte + ciência + técnica”. “mas o natural não se esgota no verde. Inclui também relações e significados que fazem a essência do ser humano” (Berjman, 2001, p. 5).

Diante das peculiaridades intrínsecas ao jardim, o *International Council on Monuments and Sites (Icomos)* pela sua Assembleia Geral em Roma, no ano de 1981, o considerou como monumento, definindo-o como “composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta

um interesse público (Carta de Florença, 1981)⁷”.

No entanto, o sentido de monumento conferido ao jardim foi sugerido inicialmente durante a reunião de trabalho em Brügge, em 1971, por Jacques Reybroeck, então diretor da Administração do Patrimônio da Comunidade Francesa na Bélgica, de modo a garantir que o jardim histórico se beneficiasse das mesmas leis de proteção dos monumentos (Lummen, 2001)⁸.

A categoria de jardim histórico se fortalece ainda mais com a introdução do conceito de paisagem cultural, no âmbito do patrimônio histórico-cultural, na reunião do Comitê de Patrimônio Mundial da Unesco em 1992, onde o jardim está inserido na categoria de paisagens culturais criadas intencionalmente pelo homem.

Seguindo a extensão de tal conceito, apresenta-se este Dossiê “Jardins Históricos”, composto por seis artigos, cobrindo uma ampla geografia. Este enriquecimento promovido pelos pesquisadores – arquitetos, historiadores e historiadores da arte – fomenta a circulação do conhecimento, principalmente porque, sendo uma publicação on line, a relação tempo-espço se constrói em outra dimensão.

Roxana Di Bello, historiadora, nos mostra uma aproximação das paisagens descobertas por Hernán Cortés e Bernal Díaz del Castillo, de cujos textos se desprendem os elementos da paisagem urbana mexicana, com especial atenção para os jardins por sua importância nas

⁴Carmen Añón-Feliú. *Authenticité jardin el paysage*. Conferência de Nara sobre autenticidade. Convenção do patrimônio mundial. Japão. Novembro de 1994. Proceedings published in 1995, ICCROM/ICOMOM.

⁵Sonia Berjman. El paiseje y el patrimonio. *Revista ICOMOS/UNESCO*, v. (s/v), n. (s/n), pp. 1-11, 2001.

⁶Cristina Castel-Branco, Cristina (org.). *Jardim Botânico da Ajuda*. Lisboa: A.A.J.B.A. e Livros Horizonte, 1999.

⁷Carta de Florença (1981) in: Isabelle Cury, (org.). *Cartas Patrimoniais*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

⁸Annie van Marcker Lummen. La memoria de la historia. *Revista ICOMOS/UNESCO*, v. (s/v), n. (s/n), pp. 1-17, 2001.

artes e nas ciências, bem como cenário privilegiado de uma multiplicidade de funções entre as quais o prazer e a beleza.

O arquiteto Saúl Alcántara Onofre nos leva para o entendimento da construção da paisagem e dos jardins pelos antigos mexicanos, que, com uma evocação sagrada, estavam em harmonia com a natureza e o território. Apresenta, em sua narrativa, três paisagens pré-hispânicas subsistentes: Chapultepec, Xochimilco e os jardins reais de Nezahualcóyotl.

A historiadora da arte Sonia Berjman nos dá um panorama sobre as obras de Roberto Burle Marx na Argentina, todas na região metropolitana. Do conjunto de projetos apresentados, destaca-se o da Praça Perú de Buenos Aires que hoje se encontra totalmente modificado.

A arquiteta Ana Rita Sá Carneiro faz uma abordagem histórica e de conservação de seis jardins projetados por Burle Max na cidade do Recife que estão em processo de tombamento federal no Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Jeanne Trindade, arquiteta, apresenta os jardins de Auguste François-Marie Glazieu para a Quinta da Boa Vista,

projetados principalmente para o deleite da Família Imperial no Brasil oitocentista. A utilização maciça de vegetação arbórea – sobretudo em suas extremidades – produz um distanciamento visual da cidade que pode promover uma evasão tanto da situação geográfica como de seus problemas, gerando uma sensação de conforto e bem-estar, característica de vários parques da época.

Finalmente, a historiadora Cristianne Magalhães aborda o diversificado mobiliário dos jardins históricos brasileiros. A harmonia entre o desenho, a vegetação, a paisagem e o mobiliário mostra a concepção artística do projetista e de sua época. Desta forma, faz uma exposição da composição dos jardins históricos brasileiros em diferentes períodos, com foco na importação de artefatos decorativos em faiança e cerâmica luso-brasileira), bem como de ornatos em ferro fundido importados da França e outros países da Europa.

Registramos nossos agradecimentos ao Editor da Revista Espaço Acadêmico, Antonio Ozaí da Silva, por ter acolhido a proposta de um dossiê sobre jardins históricos, e aos pesquisadores que gentilmente aceitaram o nosso pedido para sua realização.